

CIL II 45

uma epígrafe intrigante

José d'Encarnação^{a,®}

^aCentro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra
[®]Contacto: jde@fl.uc.pt

Resumo

Emílio Hübner publicou CIL II 45 a partir de um desenho de Frei Manuel do Cenáculo de um monumento que desaparecera (Fig. 1). As dificuldades de leitura e consequente interpretação do que ali estava escrito e, inclusive, da tipologia da sua epígrafe (votiva, monumental, honorífica) fizeram com que as mais díspares opiniões viessem a lume. É essa panorâmica que, em pormenor, se procura agora traçar, concluindo pela apresentação da leitura feita *de visu*.

Palavras-chave

Frei Manuel do Cenáculo | CIL II 45 | Leite de Vasconcelos | IRCP | culto a *Iuventus*

Summary

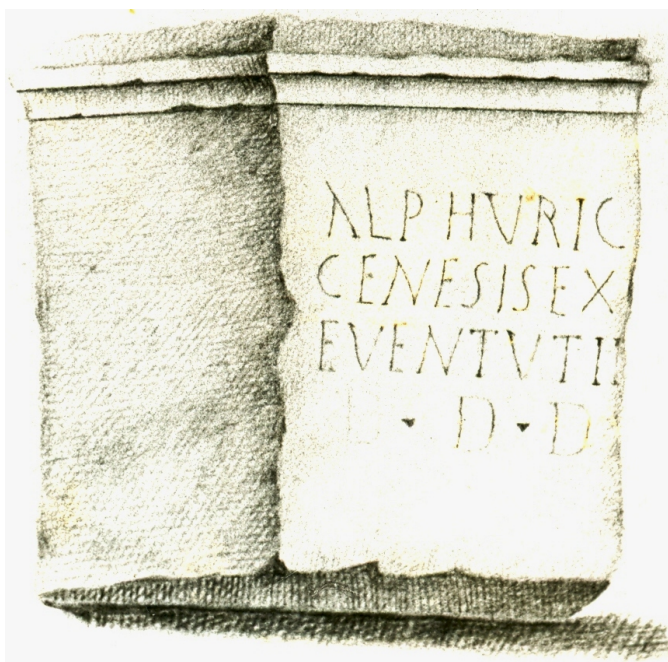
CIL II 45 was published by Emil Hübner based in a draft made by Manuel do Cenáculo, archbishop of Évora (1724-1814). This epigraphic Roman monument disappeared and, therefore, various interpretations of his text were presented. Finally, the piece was found and a better interpretation – *de visu* – of the text and his relevance became possible. This paper reports the way of this investigation.

Keywords

Frei Manuel do Cenáculo | CIL II 45 | Leite de Vasconcelos | IRCP | the cult of *Iuventus*

In memoriam de Leonel Borrela

Figura 1. Desenho de Cenáculo



1. Frei Manuel do Cenáculo

No manuscrito CXXIX / 1-13, p. LXIII f. 1, existente na Biblioteca Pública de Évora, de Frei Manuel do Cenáculo, consta que uma «pedra achada na escavação do Sr. P^e Urbano, em Beja» apresenta a seguinte inscrição

Alphuric
Cene . sisex
IVentuti
ε . D D

As letras da última linha apresentam-se maiúsculas e cursivas, dando a entender que se não divisam bem. O mesmo letreiro está desenhado no manuscrito CXXIX / 1-14 e, aí, as letras estão em capitais:

λPHVRIC
CENESIS EX
EVENTVTII
D · D · D

Grafou-se a 1^a letra como lambda porque é essa a grafia que tem o A; na última linha, os pontos são claramente triangulares.

2. Gama Xaro

O Padre Manuel da Gama Xaro, que foi prior em Setúbal e fundador, dado o seu interesse pelas antiguidades, da Sociedade Archeologica Lusitana, copiou esses dados, que Abel Viana transcreveu no n.º IX (1952), p. 17, d' *O Arquivo de Beja*, indicando que a pedra fora achada «em Beja, no alicerce de umas casas, na Rua dos Sembranos». A sua leitura é a seguinte:

ALPHVRIC
CENE.SIS.EX
IVENTVTI
E. DD.

3. Emílio Hübner

No relatório da sua missão epigráfica em Portugal presente à Academia das Ciências de Berlim, em 1861, e que viria a ser publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1871, o epigrafista alemão Emílio Hübner refere a epígrafe:

«Pode talvez considerar-se uma dedicação à IV(*v*)ENTVS a seguinte inscrição, que só foi conservada nos papéis de Cenáculo» (p. 41).

Cópia:

pALPHVRIA*fil*
GENESIS · EX *voto*
IVENTVTI
L · d · D · D

E anota:

«Outra cópia achada nos mesmos papéis diz EVENTVTI e E. D. D: ambas trazem na 1ª linha ALPHVRIE e GENESIS».

O itálico indica o que Hübner pensa poder reconstituir-se na epígrafe e essa é a versão que dá em CIL II 45, antecedida da informação sobre local de achado e localização:

«Reperta 'no alicerce das cazas do Sr. Iosé Urban da rua dos Semblãos', postea in pal. episc. Cenac. Frustra quaesivi».

Ou seja: a pedra poderá ter integrado a colecção lapidar do bispo; contudo, Hübner já não a encontrou.

Na tentativa de compreender o que estava na linha 1, Hübner afirma que pensou em *Palphuria*, na medida em que, na Vida de Probo, c. 16, se faz referência a um certo *Palfurius* e consta do Itinerário de Antonino (p. 398, 7) uma *Palfuriana statio*, sita perto de Tarragona.

4. Leite de Vasconcelos

José Leite de Vasconcelos não deixa de assinalar este testemunho no III volume das suas *Religiões da Lusitânia*, dando-a como dedicatória à *Iuventus*, incluída no grupo das «divindades que representam ideias abstractas» (1913, p. 301-302). Segue a versão de CIL II 45; desdobra a fórmula final em L(*ocus*) [d(*atus*)] d(*ecreto*) d(*ecurionum*); e assinala não haver problema em considerar que V singelo está por VV, de que há exemplos (CIL II p. 1190).

Vai, porém, mais além:

«Apesar de *Genesis* figurar na inscrição como nome próprio (*cognomen* feminino), todavia, visto que na linguagem corrente significava «geração», «natividade», e visto que a deusa de que se está tratando protegia a gente moça que chegava a idade casadoira, talvez aqui se quisesse estabelecer correlação entre *Genesis* e *Iuventus*, por qualquer motivo particular que desconhecemos.

Da inscrição consta que a memória consagrada à deusa da juventude se colocou em terreno público, isto é, pertencente à colónia, e concedido pelo senado ou conselho local (*decuriones*); poderemos daqui inferir que essa memória não era simples lápide com inscrição, mas sim um templo, edículo, altar, coluna, ou monumento semelhante, onde a lápide estava encravada».

5. Álvaro d’Ors

A referência seguinte a esta epígrafe vamos encontrá-la em Álvaro d’Ors (1953, p. 389), onde, a propósito de confrarias de jovens, aponta CIL II 45 como «menção de um culto à deusa *Iuventus*», e acrescenta:

«É incerta a relação que possam ter tido os dedicantes com o colégio de *iuvenes*. No conjunto, o material para o estudo dessa instituição resulta muito pobre na nossa epigrafia e todos os dados procedem da epigrafia de outras províncias. Os *collegia iuvenum* eram associações que cumpriam, no Ocidente, uma função similar à dos *gymnasia* orientais, e serviam também para formar a aristocracia local [...]. Costumavam designar-se pelo nome da cidade ou pelo de uma divindade; a deusa *Iuventus* era a divindade específica a que rendiam culto esses colégios. Compunham-se, normalmente, de jovens *ingenui*. Às vezes, também se fala de *iuvenae* e de mulheres adscritas; excepcionalmente aparece algum liberto *adlectus inter iuvenes* ou como *aedilis iuvenum*» (p. 389-390).

6. De Ruggiero

De Ruggiero (s. v. «iuventus», IV, 320), cita esta inscrição e CIL II 1935 (de Casares, Málaga), explicitando que o culto à *Iuventus* não estava muito difundido fora da Península Itálica; a festa à divindade fora, segundo a tradição, instituída por Sêrvio Túlio, a celebrar-se no dia em que os jovens depunham a toga pretexta e assumiam a viril, fazendo uma oferta à Juventude no Capitólio.

7. José Vives

José Vives (ILER 457) transcreve o texto a partir de CIL II 45, inserindo-o – com CIL II 1935 (a dedicatória *Iuventuti aug(ustae)* feita por *C. Marcius Niger ob honorem flaminatus*) – no apartado dedicado a *Iuventus*:

Alphuri . . | [g]enesis ex [vot.] | Iuventuti, | l. d. d. d.

8. IRCP 230

José d’Encarnação recapitulou, em IRCP 230, o que fora até então escrito acerca desta epígrafe, cujo paradeiro continuava desconhecido, e propôs a seguinte reconstituição:

ALPHVRIQ [...] / CENESIS·EX / EVENTVTII[?] / [L (oco) ?] [D(ato)?] · D(ecreto) · D(ecurionum)

Em relação à l. 3, comentou:

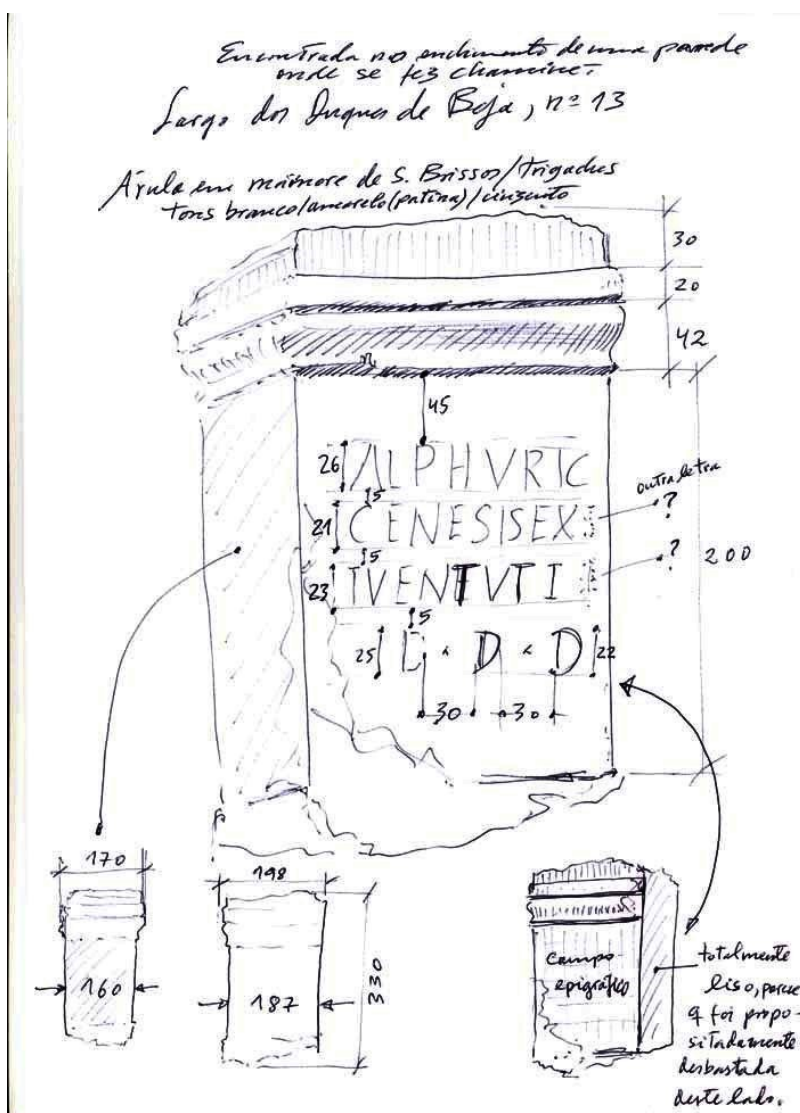
«A primeira letra surge-nos mais como um E do que I, e depois do I há mais outra – a hipótese IVVENTVTI é sedutora, mas também poderíamos estar em presença de uma dedicatória a *Eventus*. A linha 4 não é mais líquida, atendendo ao desenho, que nos surge claramente mal interpretado por Hübner; efetivamente, se algo há a considerar subentendido é L e não o D que vemos no desenho».

A leitura preferida por Xaro – $E \cdot D \cdot D$ – também não seria despropositada, apontando para a fórmula *ex decreto decurionum*.

Concluiu apresentando «sérias reservas em aceitar sem mais a interpretação hübnerriana», de testemunho do culto a *Iuventus*, e não se manifestou contra a possibilidade de, sobretudo na hipótese de se tratar de um texto honorífico, ter havido uma «intervenção municipal».

9. Encarnação 2008 e 2024

Figura 2. Desenho de Borrela



O monumento acabou por aparecer e foi Leonel Borrela quem deu conhecimento a José d'Encarnação do ocorrido, já em 2003. Viera à luz do dia no momento em que se 'escavava' a parede para se instalar uma chaminé, no n.º 13 do Largo dos Duques de Beja. Por conseguinte, alguém fora, em tempos idos, ao espólio

do palácio episcopal, possivelmente já depois de Manuel do Cenáculo ter ido para Beja e as pedras terem ficado por ali ao deus-dará, e a aproveitou na construção.

Ficou logo aprazado que ambos fariam, em conjunto, o estudo da peça, o que acabou por não se conseguir concretizar. Por isso, é este estudo dedicado à sua memória. Leonel Borrela tivera mesmo o cuidado de fazer minucioso desenho do monumento (Fig. 2) e de fornecer fotografia.

Anotou, em relação à descrição, que se tratava de um mármore de S. Brissos / Trigaches, em tons branco-amarelo-cinzentos, conforme a pátina. O lado direito, «totalmente liso», pareceu-lhe que fora «propositadamente desbastado», o que poderá, na verdade, ter levado as letras finais das linhas 1, 2 e 3.

As dimensões por ele facultadas foram as seguintes:

19,8/18,7 x 17/16 cm.

Altura das letras: l. 1: 2,6; l. 2: 2,1; l. 3: 2,3; l. 4: 2,5. Espaços: 1: 4,5; 2-4: 0,5; 5: 3.

Desta sorte, José d'Encarnação acabou por tecer, em 2008 (p. 222-223), algumas considerações, em relação ao que escrevera em 1984.

Assim, pareceu-lhe que teria sido martelada uma primeira linha, onde poderia estar o teónimo. Notou o claro alinhamento do texto à esquerda, pelo que (afirmou), «não faltarão letras nas linhas 2, 3 e 4, podendo, sem dificuldade, reconstituir-se, na l. 5, uma fórmula do género A(*nimo*) L(*ibens* D(*ono*) D(*edit*) (só o A terá desaparecido)». Acrescentou:

«Na l. 2, CENESIS estará por GENESIS, *cognomen* de etimologia grega que se encontra documentado, por exemplo, em Roma. Solin (1982, p. 1201) refere *Aburia Genesis* (CIL VI 10 465), *Aelia Genesis* (CIL VI 10 908) e *Sosia Genesis* (CIL VI 21 179). A seguir a EX não crê que haja qualquer letra; assim, a palavra seguinte poderá ser IVENTVTE[M], de preferência a IVENTVTII (com os dois II a equivalerem a E, o que não acontece no resto da epígrafe). Ler-se-ia IVVENTVTEM, não sendo de estranhar a omissão do segundo V, que outras vezes se documenta (CIL II, p. 1190); acontece, porém, que a preposição EX rege ...ablativo e não acusativo! Ou seja: manteve a ideia de que se trata de um ex-voto; o nome da divindade terá sido martelado — e não parece ser, portanto, *Iuventus*, como se pensara; a dedicante será, porventura, uma *Alphurica* (?) *Cenesis* ... Aliciante seria considerar *Iuventus* um colectivo com o significado de “colégio de jovens” a que Génesis teria orgulho em pertencer ... »¹.

Em 2024, no âmbito da série de textos publicados, para o grande público, no jornal local *Diário do Alentejo* sobre monumentos epigráficos de *Pax Iulia*, não hesitou em dar conta do relevo a atribuir a este e escreveu:

«O reaparecimento da árula permitiu levantar uma questão: existiu uma 1ª linha que foi martelada? Dá impressão que sim. Nesse caso, estaria aí o nome da divindade. Na linha 3, identifica-se a dedicante, Génese: há testemunho, no mundo romano, de mulheres com esse nome. No final, a fórmula «no local dado por decreto dos decuriões» assinalaria a importância do acto. Leite de Vasconcelos sugeriu, como se viu, a hipótese de que poderia ter existido «um templo, edícula, altar, coluna ou monumento semelhante, onde a lápide estava encravada». Uma edícula (oratório) poderia ser.

Resta, pois, por discernir o significado da frase 'ex iuventute': indicará a tal pertença a um colégio de jovens? Por outro lado, se pensarmos que o nome da divindade estava na linha 1, 'Alphurico' ou 'Alphuricae' poderá ser o seu epíteto, de que, porém, não subsistem paralelos».

¹ Estes dados de leitura propostos foram transcritos em HEp 17, 2011, nº 213 e na base de dados de Clauss /Slaby EDCS sob o nº 05500045.

10. O estudo *de visu* (2024)

Importava, pois, saber de concreto onde é que a árula estaria. Encetaram-se, por isso, uma série de diligências no sentido de saber do seu actual paradeiro. Primeiro, junto da viúva de Leonel Borrela (que falecera em 13 de Maio de 2017), D. Hermínia; depois, por intercessão de Bruno Ferreira. A ambos agradeço, porque desta sorte pude chegar à fala com o proprietário do monumento, o Sr. Carlos Mendes, morador na cidade de Beja, que prontamente acedeu a facultar a observação do monumento.

As fotos então feitas² permitiram, pois, resolver as dúvidas surgidas, propondo-se que a leitura correcta deveria ser a seguinte (Fig. 3a e 3b):

(a) Face principal



(b) Imagem com filtro



ALPHVRIQ/CENESIS EX (*voto*)/IVVENTVTI/A(*nimo*) · L(*ibens*) · D(*ono*) · D(*edit*)

Alfurião, de Génesis, por voto à Juventude, de ânimo livre ofereceu.

Pareceu de interesse chamar especificamente a atenção para a 'localização' (digamos assim) deste monumento epigráfico no contexto dos testemunhos do culto a *Iuventus*. Para esse estudo epigráfico propriamente dito e de enquadramento histórico-cultural («CIL II 45 em reconsideração» – no prelo) agora se remete.

Importa, porém, transcrever, desde já, uma das conclusões aí exaradas:

«A circunstância de serem muito raras as dedicatórias a *Iuventus* e, por outro lado, a inegável conotação do conceito ao poder imperial contribuem eficazmente para atribuir a esta árula de *Pax Iulia* o relevo de um documento verdadeiramente excepcional, a confirmar o que se tem vindo a sublinhar: a capital do *conventus Pacensis* manteve sempre um estreito relacionamento com o poder central. E não deixa de ser bem interessante documentá-lo mediante a análise de mui singela árula votiva.»

² Estou grato a Alexandre Canha pela aplicação de filtros que muito facilitaram a leitura.

